

As pesquisas qualitativas, quantitativas e seus procedimentos

Qualitative, quantitative research and its procedures

Franciele Lourenço Dias¹
Geovanna Gonçalves de Sousa²
Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral³
Raimundo Márcio Mota de Castro⁴

194

Resumo: O objetivo do presente artigo é discorrer sobre a pesquisa quantitativa e qualitativa, apresentando suas principais aproximações, diferenciações, seus conceitos, relevâncias e nuances, utilizando-se de levantamento bibliográfico. Os apanhados frente a esse levantamento bibliográfico denotaram que essas abordagens apresentam tipos específicos de procedimentos, como: pesquisa documental, bibliográfica, experimental, ex-post facto, estudo de coorte, levantamento, estudo de campo, estudo de caso, a pesquisa-ação e pesquisa participante. Constatou-se então a importância de discutir sobre a dimensão que essas abordagens de pesquisa apresentam. Com a finalidade também de colaborar com o campo acadêmico, com os atuais e futuros estudos sobre a temática em questão, ao final do presente artigo são apresentados dois relatos de experiência das autoras que através de outras pesquisas utilizaram-se destas abordagens e procedimentos.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; pesquisa quantitativa; procedimentos.

Abstract: The objective of this article is to discuss quantitative and qualitative research, presenting its main approaches, differentiations, concepts, relevances and nuances. Using a bibliographic survey. Those caught up in this bibliographic survey denoted that these approaches present specific types of procedures, such as: documental, bibliographical, experimental, ex-post facto research, cohort study, survey, field study, case study, action research and participant research. It was then verified the importance of discussing about the dimension that these research approaches present. In order also to collaborate with the academic

¹ Discente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT/UEG). Graduada em Letras.

² Discente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT/UEG). Graduada em Pedagogia.

³ Discente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT/UEG). Graduada em Psicologia. E-mail: thalitafernandamoreira@gmail.com

⁴ Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG). E-mail: prof.marcas.posgrad@gmail.com

Recebido em 27/05/2024

Aprovado em: 07/07/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



field, with current and future studies on the subject in question, at the end of this article are presented two reports of experience of the authors who through other research have used these approaches and procedures.

Keywords: qualitative research; quantitative research; procedures.

Introdução:

As pesquisas qualitativas são abordagens inseridas em um campo amplo da ciência. Lakatos e Marconi (2005) compreendem por ciência “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar” (p. 80). Trujillo (1974) afirma que “a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado [...]” (p. 08).

A ciência possui características que lhe são próprias, Marconi e Lakatos (2005) ressaltam que a mesma apresenta: objetivo ou finalidade, função e objeto. Por objetivo ou finalidade as autoras compreendem que é a “preocupação em distinguir a característica comum ou as leis gerais que regem determinados eventos”; por função as mesmas ressaltam ser “aperfeiçoamento, através do crescente acervo de conhecimentos, da relação do homem com o seu mundo; e por objeto pontuam que o mesmo é subdividido em: material e formal.” (p. 80-81).

Para as autoras o material é: “aquilo que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar, de modo geral” e formal: “especial, em face das diversas ciências que possuem o mesmo objeto material” (p. 81). Tais características evidenciam uma sistematização de uma ciência empirista, capaz de traduzir caminhos viáveis para verificação ou refutação. Esse modelo de ciência prevaleceu até onde pôde formular respostas e mensurar o mensurável.

Contudo, com o caminhar da ciência e a quebra dos paradigmas no final do séc. XIX e início do séc. XX, outras possibilidades de ciência foram comparecendo. Entre elas, as ciências sociais que trazem consigo a possibilidade do fazer qualitativo. É somente a partir, e através desta ciência, que este fazer se torna viável. Ao longo da mudança significativa advinda destes lugares que se pode observar e trazer à tona os fenômenos não exatos. Ferreira (2015) argumenta que as ciências sociais e seus objetos de estudo:

[...] Possuem características específicas, pois é um ser histórico e, por isso, dotado de consciência histórica; sua natureza é basicamente qualitativa, uma vez que a realidade social é complexa, mutável e determinada por múltiplos fatores, como o político, o cultural, o econômico, o religioso, o físico e o biológico; além disso, existe uma

identidade natural entre sujeito e objeto, já que ambos são seres da mesma espécie e dessa forma solidários e cúmplices (FERREIRA, 2015, p. 114).

Desta forma, o que fica evidenciado é que cada ciência possui seus próprios objetos de estudo e mensuração, que existem fazeres outros, que podem desvelar o novo, trazer a singularidade ainda não observada. Flick (2013) argumenta que a partir da pesquisa social se pode descrever, entender e explicar os fenômenos. Segundo o autor, existem grandes relevâncias que a pesquisa em ciências sociais denota, entre elas está a possibilidade de explorar questões, campos e fenômenos, proporcionando descrições iniciais e documentar os efeitos das intervenções em uma base empírica.

A abordagem qualitativa viabiliza este processo da descrição, da compreensão e da explicação a qual o autor revela. O teórico articula que há outras prioridades elegidas pela abordagem qualitativa. O ponto de partida não é necessariamente o modelo ou questão teórica, a pesquisa não está moldada na mensuração e, sim, nos aspectos relevantes. Desta forma, a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador utilize de suas criatividade. Uma vez que, no processo de descrição, de compreensão e da explicação o autor pode comparecer de forma singular, pois não há necessidade de rigidez intrínseca na estruturação da pesquisa.

Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa

Historicamente, a pesquisa quantitativa foi a primeira abordagem de pesquisa científica existente. Segundo Ferreira (2015), sua origem está ligada à filosofia da ciência, com pesquisadores como Galileu e Newton, participantes na linha de pesquisa do pensamento Positivista e Empirista, tratando da necessidade de enfatizar:

(...) as quantidades observadas na realidade social com uma abordagem empirista, “mensurável, testável, operacionalizável, reduzindo esta realidade “à sua expressão empírica, sobretudo por razão do método. (DEMO, 1995, p. 23, *apud*, FERREIRA, 2015, p. 115).

De modo mais simples, esse modo de pesquisa baseia-se em tudo aquilo que pode ser colocado em números para análise, sendo tratado e transformado em estatística.

Já a pesquisa qualitativa, de acordo com Godoy (1995), surgiu na segunda metade do século XIX, com pesquisadores como Marx e Durkheim, posterior à quantitativa e é, portanto, uma proposta de investigação usada nas ciências sociais com base nos fenômenos, ou seja, nos acontecimentos do dia-a-dia que são suscetíveis de observação. Segundo Neves (1996) a pesquisa qualitativa:

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p.520 *apud* NEVES, 1996, p. 01).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa busca os fundamentos teóricos para compreender os fatos da realidade, obtendo análises mais profundas. Concorde-se com Ferreira (2015) ao demonstrar em suas pesquisas a natureza subjetiva característica das pesquisas qualitativas.

Assim, segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa apresenta características essenciais que servem para identificar esse tipo de estudo, sendo: 1. o pesquisador em contato direto com o ambiente/objeto de pesquisa, em que por meio da observação e de materiais específicos é possível realizar a coleta dos dados; 2. o pesquisador tem interesse em todo o processo e não apenas nos fins (números - quantitativo). Portanto, os meios também são importantes, tudo é avaliado integralmente através da descrição e análise subjetiva; 3. considera o ponto de vista dos participantes como importante para compreensão de determinado acontecimento; 4. os pesquisadores têm enfoque indutivo, ou seja, parte da observação, não possuem teorias prévias.

Existem também as pesquisas quali quantitativas (ou quanti qualitativas), que são mistas, ou seja, a união entre as pesquisas qualitativas e quantitativas em uma determinada investigação. Segundo Neves (1996), “os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem” (p. 2), ao contrário, podem ser complementares contribuindo para a confiabilidade. Por muito tempo pesquisadores acreditavam que o uso de um excluía o outro, mas foi observado que, sim, pode ser “uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos” (p. 2).

Um exemplo disso seria a de um economista que ao pesquisar sobre o fenômeno do desemprego, busca de maneira qualitativa compreender como ocorre esse fato no Brasil, verificando as experiências de pessoas sem emprego, as leis que asseguram o trabalhador e afins. Por meio de levantamento de dados, o pesquisador consegue comprovar a quantidade de desempregados relativos à população brasileira. Assim, não é apenas a união, mas, chegam a ser complementares, uma vez que buscam uma forma de comprovar e selar a veracidade e fidedignidade da pesquisa por meio de suas particularidades.

A escolha de qual abordagem teórico-metodológica a se usar irá depender, portanto, do objetivo da pesquisa, sendo necessário ter clareza do que se pretende alcançar, por meio do que Gil (2002) chama de delineamento da pesquisa:

O planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, que envolve tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados e as formas de controle das variáveis envolvidas. (GIL, 2002, p. 43)

Assim, Gil (2002) afirma que “o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados” (p. 43). Sendo assim, far-se-á uma exposição breve dos procedimentos.

TIPOS DE PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Gil (2002) divide os procedimentos em dois grandes grupos, sendo o primeiro correspondente a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, que são os considerados “fontes de papel”. E o segundo corresponde à pesquisa experimental, a pesquisa ex-post facto, estudo de corte, o levantamento, o estudo de campo, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante.

A pesquisa documental para o autor Vieira (2010), trata da análise de documentos que são tidos como oficiais, de domínio público e assegurados por lei. Em contrapartida, Gil (2002) acredita que são “materiais que não receberam nenhum tratamento analítico”, considerados de “primeira-mão” e que podem ser encontrados em órgãos públicos, igrejas, sindicatos, partidos políticos e afins. E continua afirmando que são materiais “que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa” (p. 45), sendo considerados de “segunda-mão”, encontrados em relatórios, tabelas, estatísticas e afins.

São considerados documentos de correspondência pessoal, documentos cartoriais, registros de batismo, epitáfios, inscrições em banheiros, cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins e afins.

Os pontos positivos demarcados por Gil (2002) são: 1. documentos são consideradas fontes ricas de investigação e estáveis em relação aos dados; 2. o custo exigido é o tempo do pesquisador; 3. não exige contato com o sujeito da pesquisa, pois pode ser difícil a localização ou também pode ser considerado documento histórico, antigos.

Os pontos negativos demarcados pelo autor é a não-representatividade, que pode ser resolvida com a escolha de “um grande número de documentos, selecionando certo número pelo critério de aleatoriedade” (p. 47), e a subjetividade dos sujeitos dos documentos em que “o pesquisador (deve) considerar as mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva” (p. 47).

Pesquisa documental e pesquisa bibliográfica tendem a ser confundidas por apresentar semelhanças, pois todo documento passa pela bibliográfica. Assim, a bibliográfica está presente em todos os projetos, sendo pensada com base em materiais já elaborados, tais como livros, revistas, artigos científicos e afins. Segundo o autor, existem projetos que são desenvolvidos exclusivamente por meio do procedimento da pesquisa bibliográfica, como por exemplo, uma investigação sobre uma teoria em específico.

Gil (2002) faz uma divisão do macro ao micro dos materiais considerados bibliográficos, sendo os maiores os livros, as publicações periódicas e impressos diversos. Os livros dividem-se entre leitura corrente, que corresponde às obras literárias (romance, poesia, teatro e afins) e obras de divulgação (de conhecimento científico/técnico) e em leitura de referência, que corresponde às obras informativas (dicionários, enciclopédia, anuários e afins) e as remissivas que são obras (que remetem a outras fontes). Já as publicações periódicas referem-se a revistas e jornais.

Os pontos positivos apontados pelo autor “residem no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (p. 45). É importante também em pesquisas históricas trazer elementos de outras épocas e sociedades. O ponto negativo se encontraria na confiabilidade questionável de alguns documentos. Para tanto, como solução o autor aponta a análise profunda e o ajuntamento do máximo de outros documentos que assegurem sua credibilidade.

A pesquisa experimental, segundo Gil (2002) “consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto” (p. 47), assim, busca-se averiguar a possibilidade de existir associação entre as variáveis selecionadas. É mais comum nas pesquisas quantitativas, porém, segundo o autor, muitas áreas sociais têm feito o uso do mesmo. O problema das áreas sociais em usá-lo, se encontra em questões éticas de não poder submeter uma pessoa a situações extremas, além da dificuldade de manipulação experimental, pelo fato de os seres humanos terem características que não podem ser distribuídas aleatoriamente.

Podemos citar também a pesquisa *ex post facto*, definida por Gil (2002) “a partir do fato passado” (p. 49). Em suas verificações, é possível entender que essa modalidade de investigação está relacionada aos fatos que já ocorreram. O autor faz uma distinção entre a pesquisa *ex post facto* e a exploratória, já que uma é realizada antes do fato e a outra, somente

após a ocorrência e não temos a possibilidade de interagir para a obtenção de resultados aleatórios.

Gil exemplifica um dos usos dessa modalidade de pesquisa que é utilizado nas ciências da saúde que é a pesquisa caso-controle. Nessa vertente, pode-se fazer um estudo, com pessoas doentes e pessoas saudáveis, em que haverá a conclusão do que pode ter causado as enfermidades. Nesta interação, serão questionados os motivos que os levaram a tal estado, podendo haver a conclusão do experimento. Esse resultado, para Gil (2002) não é exato, o que torna esse tipo de pesquisa, segundo o autor citado como “correlacional”.

Outro tipo de procedimento de pesquisa é o estudo de coorte, que segundo Gil (2002) “refere-se a um grupo de pessoas que têm alguma característica comum, constituindo uma amostra a ser acompanhada por certo período de tempo, para se observar e analisar o que acontece com elas.” (p. 50), sendo muito utilizado na área da saúde. Segundo o autor, o estudo de coorte se divide em prospectivos (contemporâneos), que são as pesquisas elaboradas no presente; e retrospectivos (históricos) que são pesquisas elaboradas em dados do passado até a atualidade. Porém, apresenta limitações por não ter um critério de aleatoriedade quando define os grupos de experimentação ou então por fazer uso de amostras grandes que são mais suscetíveis aos erros.

Já o tipo de pesquisa chamado levantamento, para Gil (2002), são tipos de pesquisa que fazem a interpelação com os indivíduos com o intuito de se localizar determinados dados relativos ao interesse da exploração. Ou seja, é viável a descoberta de resultados que possam ser analisados quantitativamente, para a obtenção de conclusões à exploração realizada. Uma excelente maneira de exemplificação da pesquisa informada é o censo que é realizado para quantificar a população. Mas pode-se também realizar uma amostragem da pesquisa, pois segundo o autor “Os levantamentos por amostragem gozam hoje de grande popularidade” (p.51), mas faz-se necessário avaliar suas limitações.

Concorda-se com o autor ao levantar as vantagens dessa modalidade de investigação que são o conhecimento mais próximo da realidade, pois obtemos respostas das próprias pessoas que são estudadas. Outro benefício, segundo Gil (2002), é a capacidade de utilizar questionários que além de possuir um financiamento mais baixo, obtêm uma enorme quantidade de dados. Também, a possibilidade de analisarmos estatisticamente os resultados adquiridos, em que Gil (2002) atesta que “à medida que os levantamentos se valem de amostras probabilísticas, torna-se possível até mesmo conhecer a margem de erro dos resultados obtidos” (p.51).

Em relação aos aspectos negativos, ou seja, as limitações referentes a essa investigação de levantamento, segundo o pesquisador Gil (2002) seria que ao analisar os resultados, pode-se obter respostas não exatas, pois a percepção das pessoas é algo subjetivo o que leva a resultados também intrínsecos. Esses problemas, podem ser evitados, alterando-se as perguntas que irão ser usadas. Mas corre-se o risco das respostas serem influenciadas por vieses individuais e distorções referentes ao particular de cada um, mesmo com tais medidas.

Nas pesquisas de Gil (2002), há também a presença de outro método de pesquisa que é o estudo de campo que, de acordo com o pesquisador, é muito semelhante ao levantamento. Mas existem possibilidades de particularizar cada uma delas, em que “pode-se dizer que o levantamento tem maior alcance e o estudo de campo, maior profundidade.” (p.52). As maneiras de distinguir as duas metodologias são bem mais amplas.

Já o estudo de campo demonstra ser mais versátil, pois há a possibilidade de correção de rota quando seus objetivos se apresentarem diversos do que inicialmente foi proposto. Para Gil (2002), o estudo de campo demonstra ser mais proficiente por enfatizar a participação efetiva do pesquisador, por acreditar ser importante a permanência do investigador na comunidade, pois essa imersão é de extrema relevância para os resultados da pesquisa. Entretanto, essa modalidade de análise apresenta-se também sua negatividade como a extensão do tempo necessário para usá-la.

As análises científicas de Gil (2002) demonstram que o estudo de caso é uma metodologia utilizada pelas ciências biomédicas e sociais. Sua definição, em outras palavras, é de uma busca que é realizada de forma minuciosa com o propósito de ser abrangentemente sistemática. Em resumo, podemos observar que em suas análises houve primeiramente uma interpretação do estudo de caso como um estudo pouco relevante devido a sua ineficiência, mas atualmente essa teoria foi refutada, pois acredita-se que é o esquema mais apropriado para a obtenção de melhores resultados. Sobre isso, Yin (2001) diz que:

Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (Yin apud Gil, 2002).

Portanto, é imprescindível o reconhecimento dessa metodologia como uma excelente forma de investigação, como excelentes resultados. Suas aplicações também apresentam, segundo Gil (2002), pontos de contradição que são a falta de precisão metodológica, pois eles

não são coordenados. Cabe salientar que, é necessário que os pesquisadores devem fazer uso dessa modalidade com prudência, fazendo o empenho para que os efeitos sejam limitados.

Além disso, há também que se ater ao tempo de realização da exploração dos dados. Contudo, o autor nos traz orientações de estudos que são realizados em tempo hábil, mas em que a presença de um excelente pesquisador se faz necessária para evitar que haja consequências indevidas.

Já a pesquisa ação é outro delineamento de exploração de dados que tem bastante polêmicas. Gil (2002) descreve-a como uma pesquisa que exige envolvimento ativo do pesquisador, ao mesmo tempo que exige ação por parte do grupo envolvido no problema em questão. Será falado mais sobre a temática posteriormente.

Por fim, temos a pesquisa participante que tem como característica o envolvimento de investigadores e ocorrências dessa pesquisa. Deve-se ter o integral co-participação do indivíduo que realiza a investigação. No entanto, podemos notar que a investigação de Gil (2002) traz como benefícios o entendimento dessa metodologia.

Como foi possível observar, existem muitos caminhos para se realizar a pesquisa sendo necessário compreender aonde pretende se chegar para definir a melhor maneira de coletar dados e analisá-los. Será, portanto, destrinchado abaixo experiências pessoais de duas das autoras do presente artigo em que foi feito o uso de um dos procedimentos apresentados, contando como foi a escolha, o uso e os resultados.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COM OS DIFERENTES TIPOS DE PESQUISA

A primeira experiência com os diferentes tipos de pesquisa, foi de uma das autoras em momento de estágio na graduação do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás - CSEH, mais especificamente, quando esteve participando do grupo do Programa Residência Pedagógica (RP) como bolsista. O grupo que desenvolveu a pesquisa era liderado pela professora mestra Nilma Fernandes, composto por 5 residentes em aplicação da Pesquisa-Ação associada com a metodologia da Sequência Didática, com foco no desenvolvimento do gênero lista, em uma escola carente da cidade de Anápolis - Goiás.

Segundo Franco (2005), a pesquisa-ação “(...) assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa” (p. 490). Assim, o objetivo era reunir teoria e prática, buscando obter resultados que

promovessem uma transformação na realidade dos indivíduos que participavam da pesquisa, a saber, alunos do 1º e 2º ano, em processo de alfabetização (foco do edital do RP).

O ciclo da Pesquisa-Ação criado por Lewin (explicado por Franco, 2005), é um processo que ocorre em espiral, de forma cíclica: 1º deve-se agir para implementar uma melhoria no meio; 2º monitorar a ação e descrever os efeitos desta nos indivíduos; 3º avaliar os resultados da ação, buscando concretude para o processo; 4º com base nos resultados, buscar mais uma melhoria já ajustada aos resultados dos alunos. Portanto, trata-se de promover ações pensadas com base nos retornos observados na investigação.

Algo importante destacado por Franco (2005) e que foi realizado pelas residentes foi manter uma aproximação ativa no grupo social, inserindo-se como participante, mas sem perder o olhar crítico do real, pois só assim se consegue enxergar pelo olhar do sujeito, vendo suas necessidades, mas também, (o pesquisador) deve manter a impessoalidade no processo permanecendo crítico para examinar as situações e produzir encaminhamentos que sejam positivos para o grupo em questão, ou seja, ao mesmo tempo em que busca conhecimento, busca maneiras de melhorar o meio. Deste modo, as residentes se inseriram no grupo e com a aplicação de um questionário sobre a realidade sociocultural e econômica dos alunos, foi possível conhecer o público.

O próximo passo foi promover ações para obter resultados positivos, sendo assim, aplicou-se a metodologia da Sequência Didática que segundo Araújo (2013) “é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais” (p. 322-323). Primeiramente aplicou-se uma avaliação diagnóstica para a introdução do gênero lista e também para perceber o que os alunos conheciam do gênero em questão e o nível de desenvolvimento de escrita e entendimento. O seu resultado foi que se tratava de uma turma mista, composta por alunos silábicos com valor sonoro, silábicos sem valor sonoro e pouquíssimos alfabéticos. Esse resultado foi primordial para o planejamento das ações de aplicação da sequência didática e também pensando na pesquisa-ação que deveria aplicar uma oportunidade de avanço para os alunos.

Nessa direção, foram produzidas listas com base nos conhecimentos prévios dos alunos, em textos reais e em situações do cotidiano, unindo essas informações e agrupando as palavras de acordo com o mesmo campo semântico. Pode-se perceber esse processo de formação de listas por campos semânticos no desenvolvimento de avaliação diagnóstica, pois se tratava de uma lista com palavras que tinham conexão entre si e que faziam parte da rotina diária desses alunos. Todas as propostas foram pensadas para abranger as propriedades do gênero, bem como

sua ocorrência no dia a dia, que muitas vezes passa despercebido pela criança. Assim, os alunos tiveram a oportunidade de não apenas compreender o gênero escolhido, mas explorar por meio das listas outras aprendizagens, tais como as letras, fonemas, sílabas, ampliação de vocabulário, dentre outras.

As atividades planejadas são entendidas na pesquisa-ação como uma maneira de intervir na realidade, uma vez que buscam diferentes maneiras de propiciar a aprendizagem e avanço dos alunos. Sendo assim, as aulas foram planejadas de acordo com os níveis reconhecidos no diagnóstico, com momentos de leitura que propiciam condições para o desenvolvimento das listas, porém, com a preocupação de não perder a finalidade social que o gênero tem, afinal, se não tiver uma conexão com as práticas sociais o esforço da atividade se perde, pois não fará sentido para o aluno fora do contexto escolar.

E pela experiência ter sido realizada com um pequeno grupo, teve como realizar a sistematização das aprendizagens e averiguar o desenvolvimento na aprendizagem dos alunos, sendo positivo o uso da Pesquisa-Ação. Assim, ao final do ano, todos os alunos estavam habituados com o gênero, se desenvolveram na leitura das palavras e todos se encontravam plenamente alfabetizados.

A segunda experiência foi também de uma das autoras do presente artigo, em uma pesquisa de iniciação científica ao decorrer da graduação de Psicologia. A pesquisa buscou apreender os sentidos e significados atribuídos à violência policial para estudantes universitários do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC). A mesma buscou contribuir com a reflexão de políticas públicas relacionadas à questão da violência policial. Sendo uma investigação integrada a pesquisa matriz “Sentidos e Significados da Violência Policial para Estudantes Universitários”, inserida no conjunto de investigações executadas pelo Grupo de Pesquisa Infância, Adolescência e Família (GIFS – PUC Goiás) tendo como orientador o professor Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues.

A investigação se caracterizou como uma pesquisa empírica de cunho qualitativo que foi realizada com uma amostra de 01 estudante por período do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sendo 08 estudantes, do total de 08 períodos do curso. A escolha da abordagem da pesquisa envolveu vários fatores. A iniciar pelo próprio objetivo, que foi exploratório, então foi pensado em percorrer o caminho com a abordagem qualitativa e não quantitativa, porém se o objetivo fosse descritivo ou explicativo poderia ser pensado um outro caminho que contemplasse outras abordagens.

Segundo Ferreira (2015) a diferença básica entre pesquisa qualitativa e quantitativa deve-se a como os “cientistas representam o real, percebendo a realidade social através de números (para os quantitativistas) ou de aspectos subjetivos (para os qualitativistas)” (p. 115). Neste sentido, a escolha da abordagem está inteiramente ligada com a escolha da temática e do tema propriamente dito, pois logo após o pesquisador ter consciência do que deseja investigar e quais os caminhos viáveis para que a investigação aconteça a abordagem virá de encontro.

Neste sentido, após ter definido a problemática que se investigaria na iniciação científica, logo foram traçados caminhos para ser possível a investigação. Foi quando notoriamente a pesquisadora percebeu que desejava ouvir os relatos, as percepções e as subjetividades dos partícipes da pesquisa, dessa forma a alternativa de aplicar questionários ou outros instrumentos com viés mais objetivo não conseguiria abranger o espaço de fala que a pesquisadora desejava viabilizar a esses sujeitos da pesquisa, então a abordagem que tornaria possível a construção desse espaço seria a abordagem qualitativa. E assim foi feito.

Foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas de forma individual e dois grupos focais, cada um com quatro participantes. Segundo Lakatos e Marconi (2005) a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (p. 197). Dessa forma buscou-se por um tipo de entrevista que tivesse um roteiro prévio mas não inflexível, por esta razão houve a escolha da entrevista semi-estruturada, que envolve uma estrutura porém a mesma não segue uma diretriz rígida.

Trivinos (1987) relata que as principais características de uma entrevista semi-estruturada são: “apoiar-se em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa; descrever e explicar os fenômenos analisados para sua melhor compreensão; que o aluno/pesquisador seja atuante no processo de coleta de informações” (p. 146). Sendo assim, a entrevista semi-estruturada veio de encontro com os objetivos iniciais da pesquisa e com a abordagem que foi qualitativa.

Outro instrumento utilizado para a coleta de dados nesta pesquisa em iniciação científica com abordagem qualitativa, foi o grupo focal. A escolha do mesmo compareceu após o desejo de aprofundamento na temática em si. No primeiro momento foram realizadas as entrevistas e em um segundo momento os participantes foram convidados a participarem do grupo focal. Por grupo focal, Powell e Single (1996) definem sendo “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir da sua experiência pessoal” (p. 449).

Segundo Gatti (2005):

(...) a técnica do grupo focal vem sendo cada vez mais utilizada. Em geral, podemos caracterizar essa técnica como derivada de diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social. Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios conforme o problema de estudo[...] [...] Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas (GATTI, 2005, p. 7).

Após ter sido realizada toda a coleta de dados, o passo seguinte foi a sistematização dos mesmos. Ao encerrar todo o processo de estruturação, foi possível chegar aos dados finais da pesquisa e realizar seu encerramento contribuindo com os vários estudos sobre a temática da violência policial, visando a colaboração para a criação de políticas públicas voltadas à segurança pública, o compartilhar dos dados com a academia através de congressos, encontros científicos e publicação científica.

206

CONCLUSÃO

Diante de todo levantamento bibliográfico realizado, foi possível identificar que o campo das pesquisas apresenta-se vasto desde a escolha da problemática que deseja ser investigada até a finalização de seus resultados. Se faz importante conhecer algumas especificações neste processo, como a abordagem a ser utilizada: qualitativa, quantitativa, quali-quantitativa ou ainda quanti-qualitativa, tendo em vista que cada uma apresenta uma série de unicidades, aproximações e complementaridades.

Outro ponto relevante encontrado e discutido no presente artigo e que apresenta necessária compreensão, são os tipos de procedimentos advindos após a escolha da abordagem. A pesquisa documental, bibliográfica, experimental, ex-post facto, estudo de corte, levantamento, estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante, apresentam diferentes objetivos, assim sendo o pesquisador necessita conhecer todos estes aspectos para que seja possível a realização de sua pesquisa. Assim, o presente artigo tem por objetivo apresentar tais especificidades, mas também contribuir para que outros por meio da leitura das experiências pessoais das autoras possam pensar sobre as possibilidades e suas aplicações no mundo para além da leitura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. *Revista Mosaico*, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4424/2546> Acesso em: 26 junho. 2023.

FLICK, Uwe. Orientação. In: _____. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Person, 2013. p. 13-51.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da Pesquisa-Ação*. Educação e Pesquisa: São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483 – 502, set./dez. 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. *In: Série Pesquisa em Educação*. Brasília, Líber Livro, 2005.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-56.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Ciência e conhecimento científico. Fundamentos da Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, v.1, n. 3, 1996, 5 p.

POWELL, Richard Allen; SINGLE Helen M. Focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, v. 8, n. 5, p. 499–504, 1996. Disponível em: [8-5-499.pdf \(silverchair.com\)](http://8-5-499.pdf(silverchair.com)).

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUJILLO, Ferrari, Alfonso. *Metodologia da ciência*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VIEIRA, José Guilherme Silva. *Metodologia de Pesquisa Científica na Prática*. Curitiba: Editora Fael, 2010, 152 p.